

RELIGIÃO E FILOSOFIA: MODOS DE COMPREENSÃO DA REALIDADE

Evandro Luiz da Cunha¹

Resumo

Este artigo pretende analisar como Religião e Filosofia podem ser vistos como modos de se compreender a realidade imanente. Uma isolada da outra não consegue abranger a totalidade do real nem esgotá-lo. Um dos grandes equívocos epistemológicos foi a separação Religião-Filosofia. Quando bem compreendidas ambas podem lançar luz na complexidade dos fenômenos que marcam a existência humana. Nas palavras de Albert Einstein: “A ciência sem religião é paralítica; a religião sem ciência é cega”.

Abstract

This article intends to analyze as Religion and Philosophy can be seen as manners of understanding the immanent reality. One isolated the other they can't embrace the totality of the real neither to exhaust it. One of the great epistemologic mistake was the separation religion-philosophy. When well understood both can throw light in the complexity of the phenomena that mark the human existence. In Albert Einstein's words: “The science without religion is paralytic; the religion without science is blind”.

Introdução

Os filósofos dão um mesmo berço ontológico à Filosofia e à Religião: *o assombro*. Platão afirmava que “esta emoção, a admiração, é própria do

¹ Evandro Luiz da Cunha é pastor do distrito central de fortaleza/CE, Mestrando em Teologia e Pós-graduado em Filosofia (Ética e Política) — UFAL.

filósofo: nem tem a Filosofia outro principio além deste”.² Semelhantemente, Aristóteles advogava: “pelo espanto os homens chegam agora e chegaram antigamente à origem imperante do filosofar”.³ Entretanto, como analisou Heidegger, “seria muito superficial e, sobretudo, uma atitude mental pouco grega se quiséssemos pensar que Platão e Aristóteles apenas constatam que o espanto é a causa do filosofar. Se esta fosse a opinião deles, então diriam: um belo dia os homens se espantaram, a saber, sobre o ente e sobre o fato de ele ser e de que ele seja. Impelidos por este espanto, começaram eles a filosofar. Tão logo a Filosofia se pôs em marcha, tomou-se o espanto supérfluo como impulso, desaparecendo por isso. Pôde desaparecer já que fora apenas um estímulo”.⁴ A admiração (o assombro) foi o primeiro passo nesse processo cognitivo.

A Religião por sua vez eclode quando diante do assombro da natureza busca uma “explicação” para tais fenômenos. “As religiões, diz Spencer, diametralmente opostas por seus dogmas, concordam em reconhecer tacitamente que o mundo, com tudo que contém e tudo o que o cerca, é um mistério que pede uma explicação”.⁵ Na opinião de Rudolf Otto, a Religião foi construída quando o homem deparou-se com o *numinoso* (o sagrado). “A esse dado peculiar de um ‘Totalmente Outro’, ele chama o ‘numinoso’, do latim **numen**, que significa a força divina ou poder, atribuído a objetos ou a seres para quem se olha com reverência”.⁶ Mondin comenta que “o numinoso, por sua vez, assume dois aspectos que o caracterizam de modo inequívoco: a) o aspecto de *mysterium tremendum* e b) o aspecto de *mysterium fascinans*”.⁷

² Platão, *Teeteto 155d* in Arcângelo R. Buzzi, *Introdução ao Pensar* (Petrópolis-RJ: Vozes, 1983), 160.

³ Aristóteles, *Metafísica 1,2, 832b, 12* in Arcângelo R. Buzzi, *idem*.

⁴ Marfin Heidegger, *Que é Isto — A Filosofia?* In *Os Pensadores* (São Paulo: Nova Cultural, 1999), 37-38.

⁵ Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (São Paulo: Martins Fontes, 2000), 5.

⁶ Paul Johnson, *Psychology of Religion* (New York: Abingdon Press, 1959), 55 in Merval Rosa, *Psicologia da Religião* (Rio de Janeiro: Juerp, 1979), 27.

⁷ Battista Mondin, *Introdução à Filosofia* (São Paulo: Edições Paulinas, 1981), 86.

Desta forma, o *numinoso* causaria dois sentimentos antagônicos: o medo e a devoção. Foi esse sentimento de estranhamento do sujeito em face da realidade que gerou a Religião e a Filosofia. A Religião teria como objetivo reestabelecer uma unidade ontológica que foi rompida “A palavra Religião vem do latim: *religio*, formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). A Religião é um vínculo”.⁸ A Religião delimita dois domínios metafísicos: o sagrado e o profano. Outros teóricos como Freud, Marx, Feuerbach, Nietzsche, Hegel, Kant propuseram suas hipóteses para explicar o fenômeno da Religião.⁹ Nessa tentativa de elucidar o fenômeno da Religião a Filosofia assume um papel relevante.

A Filosofia passou a ser importante até mesmo àqueles que defendem uma postura antifilosófica. Como observou Aristóteles, “ou se deve filosofar ou não se deve: mas para decidir não filosofar é ainda e sempre necessário filosofar; assim, pois, em qualquer caso, filosofar é necessário”.¹⁰ Entretanto, para filosofar é imperioso dominar as regras do jogo. Para Immanuel Kant (1724-1808) só se aprende a filosofar filosofando.¹¹ “O melhor meio de se aproximar da Filosofia é fazer perguntas filosóficas”, observa Jostein Gaarder.¹² A mais importante pergunta diz respeito as origens primeiras. Para Aristóteles tudo que existe possui causas. Ele “deixou também a classificação das causas em quatro gêneros, que ficou tradicionalmente na filosofia escolástica. As causas podem ser ou princípios internos à coisa causada ou externos a ela. Os princípios internos são a *causa material*,

⁸ Marilena Chauí, *Convite à Filosofia* (São Paulo: Ática, 1995), 298.

⁹ Para uma exposição das interpretações filosóficas e psicológicas da Religião vide Urbano Zilles, *Filosofia da Religião* (São Paulo: Edições Paulinas, 1991). Sigmund Freud, “O futuro de Uma Ilusão” e “Moisés e o Monoteísmo” in *Obras Completas*. Vol. XXI e Vol. XXIII (Rio de Janeiro: Imago, 1996); Para uma interpretação sociológica e antropológica: Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (São Paulo: Martins Fontes, 2000).

¹⁰ Aristóteles, *Protréptico*, fr. 51 in Arcângelo R. Buzzi, *Introdução ao Pensar* (Petrópolis —RJ: Vozes, 1983), 155.

¹¹ Aranha e Martins, *Filosofando*, 44.

¹² Jostein Gaarder, *O Mundo de Sofia* (São Paulo: Cia. Das Letras, 1999), 25.

o sujeito ou a matéria de que uma coisa é feita, e a causa *formal*, o ato ou forma que determina o que a coisa é. Os princípios externos são a *causa eficiente*, pela ação da qual tem início o movimento e a coisa é ou se muda, a *causa final*, o escopo, o fim, que move o agente a agir”.¹³ Só quando encontramos as causas primeiras é que estamos em condições de interpretar qualquer fenômeno.

Historicamente, a Religião foi num primeiro momento, a única forma de transcender a realidade imediata. Religião e Filosofia nos primórdios estavam amalgamadas. O tempo cirurgicamente separou esses dois universos do saber deslocando-os para pólos extremos. Tanto a Religião quanto a Filosofia visam não apenas “explicar a realidade” mas exercer domínio sobre a natureza — incluindo o homem. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) vociferava que os filósofos governam o mundo. Após diferenciar os “trabalhadores filosóficos” que seriam aqueles que compactavam o saber, dos “criadores de valores” - os filósofos efetivos, ele pondera: “Os filósofos propriamente ditos, porém, são comandantes e legisladores: eles dizem ‘Assim deve ser!’; são eles que determinam o Para-onde? do homem e para isso têm a seu dispor o trabalho prévio de todos os trabalhadores filosóficos, de todos os dominadores do passado — estendem sua mão criadora em direção do futuro, e tudo o que é e foi se toma para eles meio, instrumento, martelo. Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é uma legislação, sua vontade de verdade é — vontade de potência”.¹⁴ Para Francis Bacon (1561-1626 d.C.) conhecer a Natureza era o mesmo que exercer o domínio profetizado no Éden (“*Façamos o homem... e domine sobre...*” — Gênesis 1:26), e que o progresso científico seria uma árdua luta do homem para dominar a natureza.¹⁵

¹³ Filippo Selvaggi, *Filosofia do Mundo — Cosmologia Filosófica* (São Paulo: Edições Loyola, 1988), 304.

¹⁴ Friedrich Nietzsche, “Para além de Bem e Mal” — Prelúdio de lima Filosofia do Porvir § 221(1885 - 1886) in *Os Pensadores — Obras Incompletas* (São Paulo: Nova Cultural, 1999), 326.

¹⁵ Francis Bacon, “Nova Atlântida” in *Os Pensadores* (São Paulo: Nova Cultural, 1999). Para Bacon o homem sofreu duas quedas: (1) quando desejou estabelecer seu próprio padrão ético olvidando o oráculo divino. (2) após receber domínio sobre a Natu-

O primado da razão não era uma idéia nova. Platão (428-348 a.C.) advogava que o Estado deveria ser administrado por sábios (filósofos).¹⁶ Na Filosofia de Hegel (1770-1831) a realidade é a culminância de um processo histórico chamado dialética (tese, antítese e síntese) onde toda a existência complexa era o fruto de mudanças (conflitos de idéias). “A tese central de Hegel era muito parecida com a de Heráclito. Via tudo como tendo se desenvolvido. Tudo o que existe é o resultado de um processo; portanto, pensava ele, entender, em qualquer área ampla da realidade, envolve sempre entenderam processo de mudança”.¹⁷ Hegel negava o conceito liberal (Hobbes, Locke e Rousseau) de história como sendo um *estado de natureza*.¹⁸ Segundo Hegel, “o que dá origem ao movimento da História é, em seu sentido imediato, o choque dialético; porém por detrás do mesmo está o poder do ‘Absoluto’ (mente, verdade ou idéia) que exerce uma força ou poder de impulso, sendo, por conseguinte, a verdadeira força subjacente ou determinante do curso dos acontecimentos históricos”.¹⁹ Karl Marx tomará emprestado a dialética hegeliana e a amputará de sua dimensão metafísica. Para Marx, a história não seria o ápice de contradições impulsionadas pelas idéias ou abstrações similares, para ele a história é um processo concreto, tendo como força motriz as lutas de classes. Cabe ao homem como sujeito da história não apenas interpretá-la, mas acima de tudo construí-la. Esse sistema ficou conhecido como *materialismo*

reza quis ser iguala Deus. A Nova Ciência seria um restabelecimento do domínio sobre a Natureza submetendo-se humildemente aos preceitos divinos. “Portanto, o divórcio de Bacon entre ciência e teologia não era o divórcio entre Ciência e Religião. Ao contrário, a essência de seu profético anúncio do Reino do Homem era a sua fé no Reino de Deus”. R. Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna* (Brasília-DF: Editora da Universidade de Brasília, 1988), 95.

¹⁶ Platão, *A República* in Os Pensadores (São Paulo: Nova Cultural, 1997).

¹⁷ Bryan Magee, *História da Filosofia* (São Paulo: Edições Loyola, 1999). 159.

¹⁸ Gildo Marçal Brandão “Hegel: o Estado como Realização Histórica da Liberdade” in Francisco C. Weffort (org), *Os Clássicos da Política* (São Paulo: Editora Ática, 1998), 2:1061.

¹⁹ J. Thomas, *Razão, Ciência e Fé* (São Paulo: Editora Vida Cristã, 2001),33-34.

histórico ou dialético.²⁰

A despeito das correntes filosóficas divergentes, com exceção de Marx,²¹ há um ponto em comum que devemos considerar: as idéias em suas múltiplas manifestações norteiam nossas ações.

No campo religioso são as idéias que dão sustentação ao imaginário simbólico e ritualístico. Sendo a Filosofia a ciência das idéias, deve-se encontrar as causas primeiras dos fenômenos observáveis.²² “A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos”.²³ Tanto a Religião quanto a Filosofia conceituam a realidade tentando dá-lhe um sentido. A Religião utiliza a linguagem mítica (com forte teor interpretativo) e a Filosofia a Razão.

Isso não significa que a linguagem mítica seja irracional, nem que a linguagem formal não possua seu aspecto mítico.²⁴ A Religião busca na Filosofia uma forma de dar sentido aos ritos e símbolos que compõem seu universo místico. Desta forma, “a Fé e a Razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”.²⁵ Assim, a Filosofia é vital à Religião.

²⁰ Maria Lúcia de Amada Aranha e Maria Helena Pires Martins, *Filosofando* (São Paulo: Editora Moderna, 1992), 275.

²¹ Diferenciando-se do Idealismo (crença na existência de conceitos abstratos que governam o mundo), ele (Marx) defendia o Materialismo Dialético — os dados da consciência tem origem na matéria.

²² Jacques Maritain, *Introdução Geral à Filosofia* (Rio de Janeiro: Agir Editora, 1970), 71.

²³ Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O Que é a Filosofia?* (Rio de Janeiro: Editora 34, 1997), 13.

²⁴ Vide *O Mito da Caverna de Platão* e o conceito de *estado de natureza* dos filósofos contratualistas (Hobbes, Locke e Rousseau).

²⁵ João Paulo II, *Fides et Ratio* — Carta Encíclica do Sumo Pontífice aos Bispos da Igreja Católica sobre as Relações entre Fé e Razão (São Paulo: Edições Paulinas, 1998), 5.

Filosofia e Cristianismo

O judaísmo teve seu encontro com a Filosofia durante a Diáspora. Filo de Alexandria (ca 20 a.C. —42 d.C.) tentou uma síntese da tradição judaica com o platonismo, principalmente utilizando-se da concepção estoíca do *Logos*. “O conceito do *Logos* é utilizado por Filo em aplicações diversas, a fim de prover um conceito de um mediador entre o Deus transcendente e o universo, um poder imanente ativo na criação e na revelação”.²⁶

O Cristianismo quando expandiu suas fronteiras além da Palestina e do Oriente, confrontou-se com a Filosofia no centro intelectual do inundo: Atenas (embora nesta época a cidade já desse sinais de decadência). O discurso de Paulo no Areópago sobre o “deus desconhecido” prova que o apóstolo estava familiarizado com a filosofia e a história gregas (Atos 17). Para entender melhor essa tertúlia é mister conhecer o contexto histórico. Diógenes Laércio, autor grego do século III d.C., em sua obra clássica *The Lives of Eminent Philosophers* (“As Vidas de Filósofos Eminentes”), volume 1, página 110,²⁷ relata um incidente que clarifica o discurso de Paulo em Atenas.

Era o sexto século antes de Cristo. Atenas estava sendo dizimada por uma praga. Os sacerdotes e sábios ofereceram diversos sacrifícios a todos os *deuses conhecidos* sem obter nenhum resultado. Neste ínterim, uma sacerdotisa recebeu um oráculo que dizia que a praga poderia cessar se um sábio da ilha de Creta chamado Epimênides intercedesse pela cidade. Após longa discussão o conselho deliberou buscar o incógnito profeta.

Quando Épimênides chegou à cidade, ficou estupefato diante de tantos deuses conhecidos. Ele exclamou: “Aqui é mais fácil encontrar deuses do que homens!” Após inteirar-se da situação, o profeta de Creta aconselhou que selecionassem algumas ovelhas de cores diferentes e as

²⁶ Ladd, Georne Eldon. *Teologia do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: JUERP, 1984), 225.

²⁷ Don Richardson, *O fator Melquisedeque* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1981), 15.

deixassem dormir sem comer. No dia seguinte deveriam soltá-las. Aquelas que se deitassem antes de comer deveriam ser oferecidas em sacrifícios. Ao amanhecer, libertaram os animais na expectativa do que poderia ocorrer. A maior parte das ovelhas correu, para alimentar-se como era previsto. Outras poucas se deitaram antes de comer— era o sinal. Imediatamente construíram altares e à tardinha reuniram-se para o ritual. Naquele momento uma questão é levantada: “Quais dos *deuses conhecidos* haveremos de sacrificar?”, perguntaram a Epimênides. Ele prontamente respondeu: “Não a esses *deuses conhecidos* que nada puderam fazer. Mas ofereceremos o sacrifício a *agnosto theo* (“*ao deus desconhecido*”). Após o sacrifício a praga cessou e Epimênides voltou a Creta.

Na época de Paulo o povo parecia ter olvidado este ato de intervenção divina. O *deus desconhecido*, já era conhecido historicamente pelos atenienses. Neste incidente, Paulo demonstra conhecer bem a filosofia grega. Principalmente o estoicismo. Como a Filosofia não foi muito simpática as idéias do cristianismo incipiente, a partir daí começou haver uma tensão histórica no cristianismo entre Filosofia e Revelação. Uma leitura meticulosa do texto sagrado percebemos algumas influências gregas na Teologia do Novo Testamento,²⁸ principalmente em Paulo e em João. Todavia, admitimos que a mensagem cristã transcende à lógica grega formal.

Justino Martin era filósofo antes de converter-se. Para ele, a Filosofia era um tipo de revelação, embora inferior à bíblica: “Porque todos aqueles escritores puderam ver a realidade obscuramente, através da semente do

²⁸ As opiniões dos eruditos estão divididas entre aqueles que advogam que não há influência e aqueles que esposam que há: Russell Norman Champlin, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* (São Paulo-SP: Candeia, s/d), 3: 364; William Barclay, *As Obras da Carne e o Fruto do Espírito* (São Paulo: Vida Nova, 1985), *Palavras Chaves do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1985); George Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: Juerp, 1993); Werner G. Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Edições Paulinas, 1982); Mario Veloso, *Comentário do Evangelho de João* (Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, s/d).

Verbo implantada dentro deles”.²⁹ Justino foi martirizado em Roma em 166 d.C..³⁰ Antagonicamente, Tertuliano atacava a Filosofia por ser esta o instrumento utilizado pelos hereges para opor-se a fé cristã. Declamava: “Que tem Atenas a ver com Jerusalém? Que tem a academia a ver com a igreja? (...) a mim pouco importa, quem quiser que produza um cristianismo estóico, platônico e dialético. Visto como o evangelho de Cristo nos foi proclamado, não precisamos mais inquirir ou perscrutar esses assuntos”.³¹

Foi com Agostinho (353 —430 d.C.) que a Filosofia ganhou ares de sacralidade. Afirmava: “Os que são chamados filósofos, especialmente os platônicos, quando puderam, por vezes, enunciar teses verdadeiras e compatíveis com a nossa fé, é preciso não somente não serem eles temidos nem evitados, mas antes que reivindicemos essas verdades para nosso uso, como alguém que retoma seus bens a possuidores injustos”. “Bem ao contrário, todo bom e verdadeiro cristão há de saber que a Verdade, em qualquer parte onde se encontre, é propriedade do Senhor”.³² Durante a Patrística e a Escolástica, a Filosofia e a Religião governaram em regime de co-regência.

Filosofia e Religião na Modernidade

A Religião cristã foi colocada no ostracismo pelos intelectuais iluministas.³³ Eles criam num progresso que fosse capaz de gerar uma

²⁹ *II Apologia 13*. in Tony Lane, *Pensamento Cristão* (São Paulo: Abba Press, 1999), 1:18.

³⁰ Jesse Lyman Hurlbut, *História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida, 1992), 52.

³¹ *De praescrit.*, 7. in Bengt Häggglund, *História da Teologia* (Porto Alegre-RS: Concórdia Editora, 1986), 43.

³² Santo Agostinho, *A Doutrina Cristã* (São Paulo: Edições Paulinas, 1991), 149 e 122.

³³ Os iluministas “procuravam uma explicação racional para todas as coisas, rompendo com todas as formas de pensar até então consagradas pela tradição. Rejeitava a submissão cega à autoridade e a crença na visão medieval teocêntrica. Alceu L. Pazzinato e Maria Helena V. Senise, *História Moderna e Contemporânea* (São Paulo: Editora Ática, 1992), 98. Vide ainda Ellen G. White, *O conflito dos Séculos* (Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), 268.

nova ordem mundial capaz de substituir o quadro de valores que até então havia ditado os costumes. A educação, a ciência e outras formas de saber poderiam concretizar o ideal de Liberdade e Igualdade. Através da Razão poderiam criar até mesmo uma nova religião mais humana que divina, mais pública do que privada. Essa seria a vitória do reinado da razão. “Sobre a questão de como realizar essa futura vitória, os filósofos foram omissos. Queriam uma sociedade liberal, mas temiam as massas e seu potencial revolucionário”.³⁴ Entretanto, eles haveriam de influenciar os experimentos religiosos dos séculos subsequentes. A Teologia Liberal haveria de beber nas fontes do racionalismo.³⁵

Não podemos olvidar que nem todos os iluministas eram ateus. Sua posição anticlerical deveu-se em parte aos abusos do poder católico na Europa. Se por um lado a razão foi endeusada por alguns (Kant, Voltaire, Diderot, etc) por outro, vozes como de Rousseau (1712-1778) não passaram despercebidas. Para o genebrino, a razão não é capaz de explicar tudo, como queriam os enciclopedistas. Mas uma forma de compreensão limitada. Rousseau chegou a ponto de criticar o otimismo na ciência³⁶ e contradizer o postulado cartesiano.³⁷

O pessimismo epistemológico de Rousseau foi suplantado pelo otimismo do Positivismo Lógico. Auguste Comte (1798-1857), em sua teoria dos estágios evolutivos do saber, coloca a Religião num estágio

³⁴ Marvin Perry (org), *Civilização Ocidental- Uma História Concisa* (São Paulo: Martins Fontes, s/d), 415.

³⁵ Battista Mondin, *Os Grandes Teólogos do Século Vinte* (São Paulo: Edições Paulinas, 1980), volumes 1 e 2; William Hodern, *Teologia Protestante ao Alcance de Todos* (Rio de Janeiro: Juerp, 1986); Ernest Renan, *Vida de Jesus* (São Paulo: Martin Claret, s/d); Leonardo Boff, *Jesus Cristo* (Petrópolis-RJ: Vozes, 1986); Francis Schaeffer, *A Morte da Razão* (São Paulo: Fiel, 1997).

³⁶ Jean-Jacques Rousseau, “Discurso sobre as Ciências e as Artes” in *Os Pensadores* (São Paulo: Nova Cultural, 1997), 179-214.

³⁷ O racionalismo moderno é fundamento na filosofia de René Descartes que afirmava: “*cogito, ergo sum*” (“penso, logo existo”). Descartes cria no primado da razão. Instituiu a *dúvida metódica* - questionar tudo e depois selecionar aquilo que pode ser comprovado racionalmente. O que não é racional não é verdadeiro. Franklin Leopoldo e Silva, *Descartes- a Metafísica da Modernidade* (São Paulo: Editora Moderna, 1998).

primitivo suplantada pela Ciência. Secundo ele, três estados vividos pela humanidade: (1) Teológico, (2) Metafísico e (3) Positivo.³⁸ No terceiro estado, a Ciência ocuparia o lugar outrora preenchido pela Religião.

Em 1859, dois anos após a morte de Comte, o debate Religião-Filosofia-Ciência foi intensificado com a publicação do livro *A Origem das Espécies*³⁹ de Charles Darwin (1809-1882).⁴⁰ Durante cinco anos (1831-1836) Darwin viajou a bordo do navio *Beagle* contornando a América do Sul. Visitou o Brasil: Pernambuco (Fernando de Noronha), Bahia e Rio de Janeiro (onde fez observações antropológicas nada lisonjeiras sobre nosso país).⁴¹

Se Newton, no dizer Max Weber, “desencantou o mundo”, Darwin desmistificou o homem. Galileu (1564-1642), Francis Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650) e Newton (1642- 1727) tinham concebido o homem distinto da natureza e superior a ela — o organicismo dava lugar ao mecanicismo.⁴² Darwin propôs uma inserção do homem na natureza, idealizando-o como o que há de mais avançado na cadeia evolutiva. O imanetismo naturalista de Darwin questionava as origens e o destino do homem. A aceitação do postulado darwinista pressionou a Religião a fazer uma releitura dos fenômenos da natureza. Os livros de Jacques Arnould:⁴³ *A*

³⁸ Augusto Comte, “Curso de Filosofia Positiva” in *Os Pensadores* (São Paulo: Nova Cultural, 1996), 22.

³⁹ Charles Darwin, *A Origem das Espécies* (São Paulo: Hemus, 1979).

⁴⁰ John Dillenber e Claude Welch, *Protestant Christianity* (New York: Charles Scribner’s Sons, 1959). 201.

⁴¹ Charles Darwin, *O Beagle na América do Sul* (São Paulo: Paz e Terra, 1996): “Os proprietários de vendas têm modos muito indelicados e desagradáveis; suas casas e suas pessoas são freqüentemente imundas: a falta de garfos, facas e colheres é comum; e tenho certeza de que é impossível achar algum chalé ou choupana na Inglaterra num estado de tal carência de conforto”, 17. Mais adiante menciona o uso de armas pela população como um fator de violência. (p. 26).

⁴² Mauro Grün, *Ética e Educação Ambiental - a Conexão Necessária* (Campinas-SP: Papirus Editora. 1996). 15-58.

⁴³ Jacques Arnould, *A Teologia Depois de Darwin* (São Paulo: Edições Loyola, 2001) e *Darwin, Teilhard de Chardin e Cia - a Igreja e a Evolução* (São Paulo: Paulus, 1999).

Teologia Depois de Darwin e Darwin, Teilhard de Chardin e Cia - a Igreja e a Evolução, exemplificam como a teoria evolucionista forçou a igreja a rever sua posição criacionista. João Paulo II coroou esse processo ao publicar o manifesto pró-evolucionista em 1996: *Truth Cannot Contradict Truth - Address to the Pontifical Academy of Sciences* (“A Verdade não pode contradizer a Verdade”).⁴⁴

Ainda no mesmo século Karl Marx (1818-1883) entrou em contato com a teoria evolucionista darwinista: “Em 1860 estudou os escritos de Charles Darwin e acerca do livro *Natural Selection* (Seleção Natural) escreveu: ‘É o livro que, no que diz respeito à história natural, contém a base de nossa filosofia’. Enviou a Darwin uma cópia do primeiro volume de *Das Kapital* e mais tarde solicitou a Darwin permissão para dedicar o volume dois a ele (Darwin não aceitou)”.⁴⁵ Influenciado por Feuerbach, Marx concebe a Religião como alienação. Uma visão distorcida do mundo. Ela neutraliza a força revolucionária latente no proletariado. Para ele, para afirmar o homem é necessário negar a Deus.⁴⁶

O Teocentrismo medievo deu lugar ao Antropocentrismo manifestado em diferentes escolas do saber, tais como: Naturalismo evolucionista, Humanismo e Materialismo histórico, correntes filosóficas que aqueceram as discussões acerca da relação Fé e Razão durante todo o século XX.

⁴⁴ His Holiness Pope John Paul II, *Truth Cannot Contradict Truth - Address to the Pontifical Academy of Sciences* (“A Verdade não pode contradizer a Verdade”) October 22, 1996 From the October 30 issue of the English edition of *L'Osservatore Romano* in <http://www.newadvent.org/docs/jp02tc.htm>

⁴⁵ Josh McDowell e Don Stewart, *Entendo os Religiões Seculares* (São Paulo: Candeia, 1982), 42.

⁴⁶ Para melhor compreender o pensamento de Marx vide: *Marx* in Os Pensadores (São Paulo: Nova Cultural, 1990); Márcio Bilharinho Naves, *Marx — Ciência e Revolução* (São Paulo: Editora Moderna, 2000).

Filosofia, Religião e Hodiernidade

A despeito dos ataques do Capital⁴⁷ e da Cibernética,⁴⁸ a Filosofia e a Religião têm sobrevivido. Na modernidade, Deus era uma hipótese desnecessária: “Quando o matemático, físico e astrônomo francês Pierre Simon de Laplace (1749-1827) apresentou a Napoleão Bonaparte sua *Mecânica Celeste*, o imperador comentou: ‘escreveste este enorme livro sobre o sistema do mundo sem mencionar uma só vez o Autor do universo’. Laplace respondeu com frase que ficou famosa: ‘Senhor, não senti necessidade dessa hipótese’. Esse episódio ilustra bem a grande mudança que ocorreu na passagem do século 18 para o 19: a ciência, que até então guardava judiciosamente um lugar para Deus no concerto do universo, passava a proclamar, sem meias palavras, que Ele já não era mais necessário. A razão era uma ferramenta que se bastava para explicar a realidade. Essa visão ultramaterialista daria o tom da teoria do conhecimento que permaneceria até o alvorecer do século 20”.⁴⁹ No dizer de Nietzsche: “O maior dos acontecimentos recentes — que ‘Deus está morto’, que a crença no Deus cristão caiu em descrédito — já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa”.⁵⁰ A metáfora da morte de Deus “significa o fim do modo tipicamente metafísico de pensar, na medida em que, para ele, o

⁴⁷ Entenda-se por “ataque do Capital” a mudança ocorrida no mundo religioso europeu após a Revolução Francesa e a introdução do “senhorio” do capital sobre a Religião. Para um estudo mais aprofundado deste tema vide Leo Huberman, *História da Riqueza do Homem* (São Paulo: LTC editora, 1986); Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1997).

⁴⁸ Como a tecnologia tem afetado a espiritualidade e a visão de mundo vide: Peter & Paul Lalonde, *Você Está Pronto Para o Novo Milênio?* (Belo Horizonte-MG: Editora Betânia, 1999); Tony Schwartz, *Mídia: O Segundo Deus* (São Paulo: Summus Editorial, 1985).

⁴⁹ In “Deus Está de Volta”, *Revista Globo Ciência*. Ano 4- Número 43. Fevereiro de 1995, 27.

⁵⁰ Friedrich Nietzsche, “Gaia Ciência”. Livro V. §343 in *Os Pensadores - Obras Incompletas* (São Paulo: Nova Cultural, 1999), 195. Para conhecer outros posicionamentos anti-cristãos de Nietzsche vide *O Anticristo — A Maldição do Cristianismo* (Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil Ltda, 1996).

Cristianismo, tanto como Religião quanto como doutrina moral, constitui uma versão vulgarizada do platonismo, adaptada às necessidades e anseios de amplas massas populares”.⁵¹

Hodiernamente o inundo tem presenciado a “ressurreição metafísica” — Deus está de volta.⁵² Se essa ressurreição não é da carne (crença numa entidade corpórea, inteligente e inteligível), pelo menos é do “espírito” (admissão da existência de um Ser Superior— mera energia ou inteligência cósmica).⁵³ Isso não significa que a Religião e a Filosofia voltaram a ser Soberanas, mas é visível sua presença e diversas camadas sociais. “Os números não deixam dúvidas de que o poder da fé é global e que, ao contrário do que se acreditava no início do século 20, nem mesmo a secularização da educação, aliada ao avanço da ciência e da tecnologia, foram suficientes para diminuir a presença de Deus na vida humana”.⁵⁴

Tanto a modernidade quanto a pós-modernidade profetizavam a falência da Religião. Mesmo agonizante, a Religião conseguiu sobreviver aos ataques do racionalismo, do naturalismo, do materialismo histórico e do secularismo. Por mais irônico que possa parecer foi o ateu Nietzsche

⁵¹ Oswaldo Giacoia Junior, *Nietzsche*. Folha Explica (São Paulo: Publifolha, 2000), 24.

⁵² Fritjof Capra, *O Ponto de Mutação* (São Paulo: Cultrix, 1982); “Deus Está de Volta”, *Revista Globo Ciência*. Ano 4- Número 43. Fevereiro de 1995, 27; “De Onde Vem a Fé?” in *Revista Galileu Online*. Edição 132, julho de 2002. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT328778-1719,00.html>.

⁵³ Russell Chandler, *Compreendendo a Nova Era* (São Paulo: Bom Pastor, 1993); Leila Amaral, Gottfried Küenzlen, Godfried Danneels, *Nova Era — Um Desafio Para os Cristãos* (São Paulo: Paulinas, 1994); Elizeu C. Lira, *Radiografia da Nova Era* (Tatui-SP: Next Comunicação, 1995); M. Basilea Schlink, *Nova Era à Luz da Bíblia* (Curitiba-PR: Irmandade Evangélica de Maria no Brasil, 1992); Walter Martin, *Como Entender a Nova Era* (São Paulo: Editora Vida, 1994); Leonardo Boff, *Nova Era: A Civilização Planetária* (São Paulo: Editora Ática, 1994); *A Águia e a Galinha* (Petrópolis-RJ: Vozes, 1999); *O Despertar da Águia* (Petrópolis-RJ: Vozes, 1999).

⁵⁴ Fernanda Colavitti, “De Onde Vem a Fé?” in *Revista Galileu Online*. Edição 132, julho de 2002. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT328778-1719,00.html>.

que elaborou, na modernidade, o mito do eterno retorno.⁵⁵ Se ele estava certo, a Religião depois do exílio voltaria para reinar. A complexidade deste retomo metafísico foi elaborada por Jacques Derrida: “Por que é tão difícil pensar esse fenômeno, apressadamente denominado ‘retorno das religiões’? Por que é surpreendente? Por que deixa atônicos em particular aqueles que acreditam, ingenuamente, que uma alternativa opunha, de um lado, a Religião e, do outro, a Razão, as Luzes, a Ciência, a Crítica (a crítica marxista, a genealogia nietzscheana, a psicanálise freudiana e respectivas heranças), como se a existência de uma estivesse condicionada ao desaparecimento da outra? Pelo contrário, seria necessário partir de outro esquema para tentar pensar o dito ‘retomo do religioso’”.⁵⁶ Esse regresso ao sagrado não significa voltar a uma religião específica. Mas evoca o sobrenatural como hipótese de trabalho.⁵⁷

⁵⁵ “Tudo já existiu e tornará a existir. Cada instante retorna um número infinito de vezes, cada instante traz a marca da eternidade. O universo é animado por um movimento circular que não tem fim”. Scarlett Marton, *Nietzsche - A Transvaloração dos Valores* (São Paulo: Editora Moderna, 1999), 31. Essa não era um conceito original. Os gregos antigos já havia elaborado idéia semelhantes. Vide os óficos, pitagóricos, jônicos e estóicos (a doutrina do *palingenesia* = “denovo gerado” - eterno retorno).

⁵⁶ Jacques Derrida, “Fé e Saber” in Jacques Derrida e Gianni Vattimo (org), *A Religião* (São Paulo: Estação Liberdade, 2000), 15.

⁵⁷ “Para uma melhor compreensão da evolução científica e sua relação íntima com a Religião e a crítica à Ciência, vide: Marcelo Gleisler, *A Dança do Universo* (São Paulo: Cia das Letras, 1999); Alexandre Koiré, *Estudos de História do Pensamento Filosófico* (São Paulo: Forense Universitária, 1991); *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito* (São Paulo: Forense Universitária, 2001); *Estudos de História do Pensamento Científico* (São Paulo: Forense Universitária, 1991); Stephen W. Hawking, *Uma Breve História do Tempo* (Rio de Janeiro: Rocco, 1995); Rubem Alves, *Filosofia da Ciência* (São Paulo: Loyola, 2000); Peter James Cousins, *Ciência e Fé - Novas Perspectivas* (São Paulo: ABU 1997); Anel A. Roth, *Origins - Linking Science and Scripture* (Hagertown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1998); Colin Mitchell, *Creationsim Revisited* (Alma Park, Grantham: Autumn House Limited, 1999); Karl Popper in *Os Pensadores* (São Paulo: Abril Cultural, 1980); Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (Chicago: The University of Chicago Press, 1962); Michael Behe, *A Caixa Preta de Darwin - O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997); Alan Sokal e Jean Bricmont, *Imposturas Intelectuais - O abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos* (São Paulo: Record, 1999).

Conclusões

Religião e Filosofia são modos de compreensão da realidade imanente. Uma isolada da outra não consegue abranger a totalidade do real. Um dos grandes equívocos epistemológicos foi a separação Religião-Filosofia. Quando bem compreendidas ambas podem lançar luz à complexidade dos fenômenos que marcam a existência humana. Uma aliança entre Religião, Filosofia e Ciência⁵⁸ é o que sugere Carl Sagan. Segundo ele, esse pacto tem funcionado, embora reconheça que seus postulados são, em certos aspectos, excludentes.⁵⁹ A Religião torna-se essencial num mundo em transformação que gera conflitos existenciais e epistêmicos. Ela traz em si duas dimensões: a ontológica e a ética. Para William James, “a ciência diz que as coisas são; a moralidade diz que algumas coisas são melhores do que outras; e a religião diz, essencialmente, as duas coisas”.⁶⁰ Albert Einstein compreendeu esse princípio de complementariedade, quando disse: “A ciência sem religião é parálitica; a religião sem ciência é cega”.⁶¹

Etimologicamente, o termo fé (*pistis*) está intimamente relacionado à ciência (*epistemi*). Sem querer ser redundante, a ciência é uma crença, apriorística, na possibilidade do conhecimento. Enquanto a fé admite uma dimensão que transcende a lógica formal, embora carregue em si elementos lógicos como observou Agostinho: *intellige ut credas, crede ut*

⁵⁸ Entenda-se por “ciência” um estágio evolutivo da Filosofia, ou seja, uma distinção entre o saber especulativo (metafísica) do saber empírico (a verdade comprovada logicamente). Não confundir com a distinção platônica entre “opinião” (*doxa*) da “verdade-ciência” (*epistemi*) Vide Giovanni Reale e Dario Antiseri, *História da Filosofia* (São Paulo: Paulus, 1990), 1:148-149.

⁵⁹ Carl Sagan, *Bilhões e Bilhões - reflexões sobre vida e morte na virada do milênio* (São Paulo: Cia das Letras, 1998), 150-161.

⁶⁰ William James, *A Vontade de Crer* (São Paulo: Edições Loyola, 2001), 42.

⁶¹ In Humberto Rohden, *Einstein - O Enigma do Universo* (São Paulo: Alvorada, 1989), 200.

intelligas (“compreender para crer e crer para compreender”).⁶² Em outras palavras, a fé não é uma inimiga da razão. Não é um *suicídio intelectual*.⁶³ A Fé e a Razão devem procurar conviver pacificamente. Como ponderou João Paulo II: “A ciência pode purificar a religião, livrando-a do erro e da superstição; a religião pode purificar a ciência, livrando-a da idolatria e dos falsos absolutos. Cada uma pode introduzir a outra num mundo mais amplo, num mundo em que ambas consigam florescer [...] essa cooperação deve ser alimentada e encorajada”.⁶⁴

Teologicamente, o cristão reconhece que “Deus é o fundamento de todas as coisas. Toda ciência verdadeira está em harmonia com as Suas obras”.⁶⁵ Segundo a tradição canônica judaico-cristã, após o lapso adâmico, homem e a natureza sofreram processo de degenerescência (Gênesis 3). O homem assumiu a condição de vir-a-ser *ad infinitum*. Uma tricotomia ontológica foi estabelecida: O Divino, o humano e o natural. Segundo o relato do Gênesis, uma “inimizade” foi formada. Daí em diante, a Religião assume o papel de confortadora e mediadora nessa relação metafísica conflitante. Nesse cenário beligerante o homem é pressionado constantemente a tomar decisões que nem sempre atenderá satisfatoriamente as dimensões da realidade (a natural, a humana e a espiritual) - gerando os conflitos éticos.

Quando o cristão é forçado a fazer urna opção entre as “evidências científicas” e *os fatos da fé*, não deve sentir-se constrangido. Platonicamente falando, está-se discorrendo sobre dois mundos distintos, mas inter-relacionados. No sentido amplo esses conflitos são apenas “aparentes”.

⁶² José Américo Motta Pessanha “Vida e Obra”, *Santo Agostinho- Os Pensadores* (São Paulo: Nova Cultural, 1996), 13. Textos que comprovam a importância da inteligibilidade nos fatos bíblicos (Hebreus 11:1-3; Mateus 22:37; II Timóteo 1:12; João 8:32).

⁶³ Josh McDowell, *Evidências Que Exigem um Veredito* (São Paulo Candeia, 1992), 4; John R. W. Stott, *Crer É Também Pensar* (São Paulo: ABU, 1978).

⁶⁴ In Carl Sagan, *Bilhões e Bilhões*, 153.

⁶⁵ Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 2:741.

Pois “o homem que acredita deve saber que Jesus Cristo nada tem que possa ser considerado em conflito com a Ciência por um motivo extremamente simples e sobre o qual tanto insistimos. A esfera da nossa existência transcendental não se contrapõe nem à Lógica nem à Ciência, sendo estas atividades o resultado do uso da razão no Imanente”.⁶⁶ A não compreensão desses mundos ontologicamente antagônicos gera debate inócuo, embora criativos, como o registrado no livro *Em Que Crêem os Que Não Crêem?* Coletânea de artigos-dialogais entre Umberto Eco e Carlos Maria Martini⁶⁷ Os articulistas são cidadãos de *pólis* diferentes. É o mesmo que ocorre na mídia lógico-ocidental tentando compreender o sentimentalismo islâmico — não são apenas civilizações em choque, são mundos antagônicos. Por esse ângulo, o argumento de Tertuliano acerca da ressurreição é válido: *credo guìa absurdum* (“creio porque é absurdo”).⁶⁸

Em suma, a realidade é mais ampla do que qualquer sistema religioso, filosófico ou científico. Apenas um modelo eclético e holístico que respeite o diferente e o oposto poderá elaborar uma melhor compreensão da realidade.

⁶⁶ Antonino Zichichi, *Porque Acredito Naquela que Fez o Mundo* (São Paulo: Objetiva, 2000), 219.

⁶⁷ Umberto Eco e Carlos Maria Martini, *Em Que Crêem os Que Não Crêem?* (São Paulo: Record, 2000).

⁶⁸ in Bengt Häggglund, *História da Teologia*, 43.